

Leituras para Caminhos de Ferro

A PRAGA ROGADA

NAS

ESCADAS DA FORÇA

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO



RECÓ ENCADERNADO

700 reis

PREÇO BROCHADO

500 reis

LIVRARIA PORTUGUEZA — EDITORA


DE

JOAQUIM MARIA DA COSTA

55, Largo dos Loyos, 56 — PORTO

56

E



A PRAGA ROGADA  
NAS  
ESCADAS DA FORÇA

---

ROMANCE





Leit

ES

YA



*Leituras para Caminhos de Ferro*

A PRAGA ROGADA

NAS

ESCADAS DA FORÇA

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PREÇO ENCADERNADO

700 reis



500 reis

PREÇO BROCHADO

LIVRARIA PORTUGUEZA -- EDITORA

DE

JOAQUIM MARIA DA COSTA

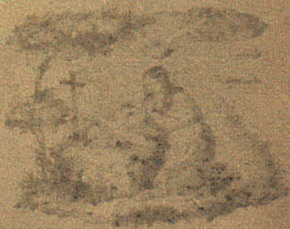
55, Largo dos Loyos, 56 — PORTO

YADA  
3896

A. PRAGA BOGADA

ESCALAS DA FORÇA

DAMIÃO CASTELLO BRANDO



YAN  
869.356  
C348p.

## A Praga Rogada nas Escadas da Forca

---

Este romance não devêra chamar-se "romance." Desde que esta palavra é o atilho onde se enfeixam as mentirosas invenções do escriptor fantastico, não ha historia verdadeira que possa, como tal, recomendar-se com aquelle título.

Estes acontecimentos, expostos aqui, segundo o formulario romantico, e affeioados ás leis do estylo romantico, são verdades que não deram brado, nem se gravaram na memoria da geração que os viu e os não comprehendeu.

Na vida moral da sociedade ha phenomenos cuja causa ninguem estuda. No drama da familia ha lances que são do dominio do publico, e o publico não pôde, ainda que o tente, explical-os. Nas attribuições individualissimas do homem ha fazes extraordinarias de soffrimento, que esta sociedade de entranhas crueis lhe recrimina, reputando-lh'as efeitos necessarios das causas, consequencias do crime voluntario.



A sociedade, a familia, e o homem expiam incessantemente a culpa do homem, da familia, e da sociedade. Opera-se uma continua redempção do genero humano. O homem é, desde o seu principio, a victima da culpa com o labio collado no calix da agonia.

A vida sobre a terra é uma interminavel expiação. Eu pago pelos crimes de meu pae, meus filhos, expiarão meus crimes, e o ultimo ser vivo da animalidade intelligente será o holocausto do primeiro homem criminoso.

E' forçoso recorrer ao inconcebivel, ao sobrenatural, ao mysticismo da providencia occulta para comprehender o que vulgarmente se diz "fatalidade".

Na historia, que vai ser lida, é tão sensível esta nécessidade, tão aterrado se sente o espirito diante d'um facto consummado, que eu não tive escrupulo religioso ou philosophico em subordinar um encadeamento de infortunios d'uma familia á *praga roçada nas escadas da força*.

## I

Bernardo da Silva era um filho bastardo de um nobre de Vizeu. Do ventre materno passou á roda dos expostos, e d'ahi aos cuidados d'uma pobre mulher d'aldeia.

Aos dez annos não conhecia pae; e sua mãe, mulher do povo, arrastada sobre a lama da plebe toda a sua vida, mortêra com o segredo do nobre, que se dignára descer até ella para honral-a com a deshonra.

Bernardo, aos dez annos, era aprendiz de alfaiate, e de todos os seus companheiros era elle o

mais t  
guicos

O

mittis

desast

va um

tatico

moço

Muita

lethan

agull

grima

faiate

ditad

Chan

que e

seu p

pelo

brou

pae s

tos f

a de

melan

de se

elle d

F

feira,

mais despresado, porque tambem era o mais preguiçoso.

O rapaz vivia triste como se a idade lhe permitisse comprehender a dôr immensa d'um grande desastre. Lá dentro n'aquelle coração infantil fallava uma prophesia funebre. Com os olhos sempre extaticos no horisonte negro do seu futuro, o pobre moço não tinha uma hora livre para o trabalho. Muitas vezes uma bofetada accordava-o d'aquelle lethargo; e o braço, que estava suspenso com a agulha, continuava a sua tarefa molhada de lagrimas.

Aos 13 annos era ainda um aprendiz de alfaiate, repellido d'este para aquelle mestre, desacreditado em todos e inutilmente espancado por todos. Chamavam-no incorrigivel, e elle mesmo conheceu que o era.

Abandonou a agulha, e foi servir em casa de seu pae. Era ahi, como em toda a parte, conhecido pelo "*Bernardo Engeitado.*" Nunca ninguem se lembrou de reputal-o filho *d'alguem*; nem seu proprio pae se lembrou, alguma vez, de que um de seus muitos filhos, atirados á roda, poderia ser seu lacaio!

Bernardo era lacaio de taboa de seu pae.

## II

A posição do lacaio era-lhe mais generosa que a de alfaiate. Tinha muitas horas livres para a sua melancholia, e muitos esconderijos no amplo palacio de seu amo para refugiar-se d'uma sociedade, que elle detestava sem saber porque.

Este viver excepcional n'aquelle classe galho-feira, esturdia, e estragada, excitou a curiosidade



dos seus companheiros, e, depois, a dos amos. Aquelles caçoavam-no com desabrimento: estes admiravam-no com compaixão.

Bernardo chorava sem mais motivo. Sorria-se com violencia. Era humilde com um não sei que de estranha delicadeza. Destacava-se da sua classe com um ar orgulhoso, mas não calculado. Cumpria as suas muitas obrigações, e ninguém sabia quando as cumpria. Estas qualidades, rarissimas vezes, encontradas n'um laçao, tornavam-no assumpto de estudo para os amos que principiavam a interessar-se na analyse d'aquelle obscuro engeitado.

Guardadas as inauferiveis distancias que separaram o senhor do servo, os fidalgos souberam que Bernardo desejava muito saber lêr, e gastava a maior parte da noite soletrando o abecedario, e decorando as lições que o mordomo da casa lhe dava nas horas desenfadadas.

Qualquer que fosse o impulso que a isso os levou, é certo que o amo, por um nobre impulso, permittiu que o rapaz fosse a uma escola, e para isso alliviou-o dos encargos de moço de taboa, e levou-o á jerarchia de escudeiro do menino mais velho.

### III

Um anno depois, Bernardo fizera admiraveis progressos. Lia com intelligencia do que lia; escrevia com acerto, e aprendera só comsigo a grammatica portugueza, visto que seus amos lhe não tinham permittido esta segunda parte dos seus estudos. Seria um caprichoso luxo permittir ao servo sciencia que os amos não tinham! O muito illustre Francisco de Lucena não daria o menor dos seus

galgos pela  
vesse razão

Em c  
criado adq  
para isso u  
como elles  
dos amos;  
com que p  
prehender-

Berna  
de... seu  
poder ser  
servo, não  
les a isso,  
difficeis, d  
muitas vez

Não o  
veram de  
Bernardo  
nobres libe  
gencia. Ou  
das suas i  
o engeitado

em Bernar  
quella casa  
borra-botas,  
chama um

portancia d  
mysterio, a  
d'um tronco  
reola entre  
dissipar-se,  
fructo do an  
mais ou men



galgos pela vasta sciencia do Lobato. E, talvez, tivesse razão.

Em casa de fidalgos d'esta bitóla, quando um criado adquire a confiança dos amos, ha sempre para isso uma de duas razões. Ou o criado, devasso como elles, encobre astuciosamente as devassidões dos amos; ou se torna estimavel pelo zelo honroso com que procura encobrir-lh'as, já que não pôde reprehender-lh'as.

Bernardo estava na segunda razão. Os filhos de... seu pae, eram livres e desmoralizados a não poder ser mais. Quizeram captar a benevolencia do servo, não para aconselhal-os, que não desciam elles a isso, mas para acompanhá-os em emprezas difficeis, d'aquellas em que o braço de plebeu é muitas vezes a salvação das costas do fidalgo.

Não o conseguiram nunca; mas tambem não tiveram de arrepende-se da confiança d'esse convite. Bernardo exercia uma influencia admiravel sobre os nobres libertinos. Era a superioridade da intelligencia. Ouviam-no, e maravilhavam-se do acerto das suas idéas, e da linguagem escolhida com que o engeitado se sahia! O facto de ser engeitado era em Bernardo, talvez, um motivo de superstição n'aquella casa. Se elle fosse reconhecido filho d'algum *borra-botás*, como em linguagem nobliarchica se chama um plebeu, de certo lhe não dariam a importancia de o considerarem pela intelligencia. Mas mysterio, a possibilidade de ser vergontea infeliz d'um tronco illustre, cingiam-lhe a frente d'uma aureola entre nuvens, que poderiam talvez, mais tarde, dissipar-se, e deixar na plenitude da sua luz aquelle fructo do amor criminoso d'alguma raça nobilissima, mais ou menos aparentada com os Lucenas!

Tudo isto era possível; mas o que elles julgariam, entretanto, impossivel, é o que vai ler-se.

## IV

A familia que Bernardo servia compunha-se de pae, mãe, tres filhos, e uma filha, de todos os irmãos a mais nova. Por então contava quinze annos. Era bonita mas pobre. Os morgados não a pediam; os filhos segundos tambem não; e a sensivel menina precisava amar, porque o seu coração era da tempera d'aquelles que não sabem conceber sómente o amor com a condicional do casamento.

Eulalia não tinha a mais superficial tintura de instrucção, e por isso não podemos, em boa fé, chamar-lhe romantica. Não era janelleira, nem rapinhava da papeleira dos irmãos o perfumado papel setim para deposito de sensaborias amorosas, e por isso não podemos chamar-lhe douda.

Era uma mulher, e n'isto está dito tudo.

Este Bernardo é que realmente se parecia muito com os nossos poetas de aspirações ferventes e meditações profundas. Mas não era impostor, nem romanticamente parvo. O rapaz tinha uma alma como poucas, e uma tristeza inconsolavel como nenhuma. "A minha organização -- dizia elle -- é um aborto, uma enfermidade incuravel."

Eulalia sympathisava com aquella tristeza, e com a figura do rapaz. Achava-lhe traços de similitude com seus irmãos, e via n'elle o que ella chamava "cara de pessoa de bem". E, com quanto eu deteste esta maneira de classificar as caras, porque não conheço as "caras de pessoas de mal", tenho-me visto em circumstancias forçadas de dizer o mesmo,

porque  
não exp  
caras.

Be  
à cosin  
cender  
Lucena  
mezes.

Eu  
abraza  
Por m  
menina  
por ell  
tanto  
fecto

F  
dade  
rou,  
aprec  
depoi  
ciant  
afabi  
um c  
appel

enco  
enjo  
caça  
lhe e  
porq  
hum



porque ha n'este val de lagrimas umas caras, que não exprimem bem, nem mal, e essas são as peiores caras.

Bernardo não se lembrou nunca de fazer sentir à cosinheira da casa, e menos se lembraria de acender o fogo do amor no illustre coração d'uma Lucena, com quem em toda a sua vida fallára tres mezes.

Eulalia passou da dôce sympathia ao amor abrazado, e do amor abrazado à paixão violenta. Por mais finos e eloquentes olhares que a fogosa menina lançou ao escudeiro, o escudeiro ou não dava por elles, ou explicava-os de qualquer modo, com tanto que não ousasse ensoberbecer-se d'aquelle affecto disparatado. E Eulalia desesperava-se!

## V

Francisco de Lucena espreitava a oportunidade de empurrar a filha para fôra de casa. Aspirou, primeiro aos morgados; mas encontrou-os pouco apreciadores de formosura e fidalguia. Recorreu, depois, aos burguezes ricos, e encontrou um negociante d'alto bôrdo, que recebeu a proposta com affabilidade e trabalhou desde logo em levar a fim um casamento que permittia aos filhos de seu filho appellidarem-se Lucenas.

O pae annunciou á filha o seu rico futuro, e encontrou-a fria. Apresentou-lhe o noivo, e viu-a enjoada. O noivo, porém, era um rapaz de fina educação, d'alguma intelligencia, de brios que o ouro lhe estimulava, e de orgulho superior á sua classe, porque, ha 50 annos, a classe commercial era muito humilde, supposto já trabalhasse para esta época de



barões commerciaes, que, digam lá o que disserem, é o mais palpitante triumpho da democracia. Para me não metter em graves questões sociaes, entenda-se que D. Eulalia repelliu a felicidade que seu pae lhe annunciára com tanto jubilo, e declarou-se sentimental, por tempo de quinze dias, fechada no seu quarto, sem querer ver sol nem lua.

Mas o pae apoquentava-a, sempre que podia, pintando-lhe a mesquinhez do seu futuro, e a pobreza de sua legitima, que orçaria talvez por tres mil cruzados. E era isto verdade.

## VI

E o peor era que o tal João Leite, noivo repellido, ficou amando desesperadamente D. Eulalia. Ferido no seu amor proprio, e envergonhado de tão má estreia, instava com Francisco de Lucena, lançando-lhe em rosto a imprudencia com que viera roubar-o á sua tranquillidade, não podendo contar com a obediencia de sua filha. Esta maneira de accusar vexava Francisco de Lucena, porque era pôr em duvida o seu poder paternal, e chamar-lhe fraco, imputação que elle odiava ainda mesmo que se tractasse de vencer a repugnancia de uma fraca menina.

Redobravam as mortificações e Eulalia, immovel como o seu infeliz amor, offerecia-se de bom grado á vingança paternal, mas dizia em linguagem tragica, que só reduzida a cadaver passaria para a posse do tal miseravel, que não tinha vergonha de perseguir uma mulher que o despresava. O pae realisou o dito popular; "Casar, ou metter freira.". Eulalia optou pelo segundo e os preparativos para entrar no convento principiaram.

O  
mas  
quand  
briona  
provis

N  
lalia e  
lhe qu  
desgra

O  
paixão  
que ell

O

que o  
Que lh  
enverg

que lh

E

ao mor

O seu

tente.

de si o

va com

Fr

milhant

Ben

Joã

sentiu-se

nios raiv

Cad

O amor faz a mulher varonil. Temos visto almas de lama apresentarem uma energia corajosa, quando o tonico do amor lhes vibra as cordas embrionarias d'um coração, que parece arfar de improviso ao repentino choque da paixão violenta.

Nas vespéras da sua entrada no mosteiro, Eulalia escreveu tres cartas. Uma a seu pae. Dizia-lhe que amára um só homem e viveria d'esse amor desgraçado toda a sua vida.

Outra ao escudeiro. Dizia-lhe que tivesse com a paixão d'ella, e chorasse uma lagrima em troca das que ella chorára, e choraria até á morte.

Outra ao seu implacavel pretendente. Dizia-lhe que o amaldiçoava com todo o odio do seu coração. Que lhe atirára á cara com um *não*, e nem assim o envergonhára de continuar a perseguir uma mulher, que lhe cuspiria na cara se fosse um homem.

Esta correspondencia conservou-a Eulalia até ao momento em que transpôz o limiar do convento. O seu primeiro acto foi dar-lhe o destino competente. Depois, chorou, chorou, e attrahiu em volta de si os carinhos da communiidade que a mortificava com as suas frias consolações.

## VII

Francisco de Lucena recebeu com espanto semelhante carta.

Bernardo da Silva embruteceu-se ao ler a sua.

João Leite deu quatro murros n'uma mesa, e sentiu-se suspenso no ar por uma legião de demónios raiosos.

Cada um fez seu papel; mas todos tres reuni-



dos deviam formar um grupo digno da melhor caricatura inedita!

Francisco de Lucena correu á grade do mosteiro, e fez alli apparecer imperiosamente a filha.

Quiz forçal-a a declarar o nome do homem que a preocupara até a fazer má filha. Não lhe arrancou a menor revelação. Conduziu-se por outro caminho para chegar ao seu fim. Fez-se sentimental: lamentou, como bom pae, as paixões invencíveis d'uma filha que se presa com extremo carinho. Contou historias analogas, que acabavam todos por castigos desiguaes, mas nem por isso menos venturosos. Pediu a sua filha o nome d'esse homem que impressionára, e fez-lhe entrever a possibilidade de casar-se, se não viesse d'ahi uma absoluta deshonra para a sua familia.

O amor faz heroes, mas tambem faz patetas. Eulalia desceu da sua altiva energia ao razo da toleima. Declarou o nome... o nome de quem? O nome, sem nome, do engeitado, do aprendiz de alfaiate, do lacaio, do escudeiro!...

Que horror!

Nunca se viu um solavanco mais desamparado que o salto de tigre que Francisco de Lucena deu contra a grade que o separava da filha! Por Deus! que a esgana se lhe chega! A pobre menina, arripiada como quem vê um lobo com as fauces vermelhas, e as unhas abertas, foge pelo dormitorio, e fecha-se no quarto.

## VIII

Lucena correu a casa com os olhos injectados de fogo. Precisava d'uma victima! Encontrou no

caminho  
mente se  
ta que  
"Não se  
lhe disse  
Essa mu  
um enge  
E  
da ving  
En  
controu  
tação d'  
quarto,  
a carta,  
na arrar  
rior á  
sem art  
á segun  
de sang  
justiça.  
venção  
tima de  
sangue  
Ber  
pancada  
infern  
gado fór  
lhe. O sa  
ça, e cal  
O fi  
aquelle  
engeitado  
peron os  
com os o



caminho João Leite, mas este não podia justificadamente ser sua victima, João Leite mostra-lhe a carta que recebera de Eulalia. Isto foi exacerbal-o. "Não se lhe dê de ser repellida por essa infame — lhe disse elle — Eu vou provar-lhe que sou pae!... Essa mulher amava um escudeiro... um lacaio... um *engeitado*..."

E continuou a correr impellido pelo demonio da vingança.

Entrando em casa, procurou o "*engeitado*." Encontrou-o ainda estupidamente absorvido na meditação d'aquella carta. A entrada rapida, que fez no quarto, não deu tempo a que Bernardo escondesse a carta, que tinha aberta nas mãos tremulas. Luce-na arrancou-lh'a com uma convulsão de raiva superior á furia d'um demente. Passou-a pelos olhos, e sem articular um som, lançou mão d'uma cadeira, e á segunda pancada, Bernardo tinha a face coberta de sangue. Era um sangue innocente que reclamava justiça. Era um sangue innocente que pedia a intervenção de Deus, se o ha. Mas a justiça, filha legitima de Deus, viria mais tarde salpicar d'aquelle sangue a face de quem o derramava.

Bernardo, muito ferido, e pisado de successivas pancadas, não pronunciára uma palavra durante este infernal martyrio. Impellido por pontapés, foi lançado fóra da porta do quarto. As forças faltaram-lhe. O sangue corria a jorros. Esvaiu-se-lhe a cabeça, e cahiu.

O fidalgo chamou dous criados, e mandou pôr aquelle homem fóra da porta. Era ao anoitecer. O *engeitado* foi posto no meio da rua. Quando recuperou os sentidos, achou-se frio. Ergueu-se. Olhou com os olhos da alma para a sua consciencia, e sen-

tiu pela primeira vez vontade de sorrir da sua desgraça pelos labios molhados de fel.

E riu-se. Era um sorriso semelhante ao dos anjos. As almas que podem sorrir assim são as que Deus elege para a santidade da bemaventurança.

## IX

Bernardo procurou um refugio em casa de uma mulher pobre, que o tratára sempre com amor, mandando-lhe a fome, quando a aprendizagem de alfaiate lhe não valia o pão de cada dia. Esta mulher fôra ama da roda no tempo em que Bernardo lá fôra lançado. Suppunha ella que talvez o tivesse alimentado ao seu seio por algumas horas, e esta só conjuntura attrahia-a para elle com instincto maternal.

O engeitado curou-se dos leves ferimentos, e pediu a Deus que lhe inspirasse um destino. Esperou.

Em Vizeu fallava-se muito d'este successo, divulgado por Francisco de Lucena, e por João Leite.

Bernardo era procurado para ser punido, e quem mais diligencias fazia para isso era o Juiz de fóra Paulo Botelho.

O honrado moço, quando se viu na penosa situação de agenciar a sua vida por não poder sahir da pobre casa em que vivia, impellido pela sua innocencia, procurou o Juiz de fóra, e expôz-lhe com a mais eloquente naturalidade a injustiça com que fôra maltratado, e com que estava sendo perseguido.

Paulo Botelho quiz espancal-o com um chicote por ter tido a audacia de entrar em sua casa sem ferros aos pés. Olhou em redor de si procurando um aguazil para fazel-o prender traiçoeiramente; mas

o gener  
disse q  
sua pa  
que est  
captura  
era d'h  
don-o e

Be  
do min  
segund  
burguez

Jo  
so, e pe

—  
—

respon  
"E

soas de  
Be

uma co  
"V

és o an

—  
amo, e

não cor  
"N

affecõe

—  
"O

—  
"M

—  
"E  
bandall



o generoso mancebo, adivinhando-lhe as intenções, disse que não precisava fingir-se; que elle dava a sua palavra de honra de não retirar da casa em que estava vivendo, e que mandasse sua senhoria captural-o quando quizesse. O Juiz riu-se da *palavra d'honra* na bocca d'um criado de servir, e mandou-o embora, por não ter a proposito um meirinho.

Bernardo encontrou ao retirar-se, nas escadas do ministro, João Leite, que apeava d'uma liteira, segundo o uso dos nobres, comprado pelo ouro do burguez opulento.

João Leite fixou-o com ar de soberano desprezo, e perguntou-lhe:

«E's tu o lacaio de Francisco de Lucena?»

— Fui o lacaio do snr. Francisco de Lucena — respondeu Bernardo com dignidade.

«E tens o atrevimento de apparecer entre pessoas de bem?»

Bernardo suffocou uma resposta amarga, e fez uma continencia respeitosa para retirar-se.

«Vem cá, miseravel! — tornou João Leite — tu és o amante da filha de teu amo?»

— Respeitei-a muito, por ser a filha de meu amo, emquanto o servi. Hoje respeito-a, porque lhe não conheço a menor falta que a deshonre!

«Nem ao menos a deshonra de receber as tuas afeições, lacaio?»

— Eu não lh'as offereci nunca, senhor.

«Offereceu-t'as ella, sevandija?»

— Não, senhor.

«Mas ella escrevia-te...»

— Sem ser criminosa, por isso...

«Então achas que não é crime escrever a um bandalho?»



— Será, se v. s.<sup>a</sup> o quer . .

“Tenho pena de seres um reptil que tenho nojo de esmagar com a solla da bota! Se tivesses um nome . . .

— Tenho um character, senhor!

Bernardo respondeu com altivez; e João Leite riu-se com desprezo, e olhando-o da cabeça aos pés, replicou:

“Tu sabes que não podes ter character, engeitado!?”

— Então terei um braço . . .

“Um braço!”, atalhou o fidalgo em projecto, e imprimiu-lhe um valente pontapé, que o fez descer tres escadas machinalmente.

Bernardo assumira toda a dignidade do homem de coração ultrajado. João Leite achou-se comprimido entre os braços do *sevandija* que elle suppunha fugir ao primeiro pontapé para evitar o segundo.

Quiz desfazer-se, de prompto, d'este empecilho, e não pôde, porque os pés falsearam-lhe, e as costas bateram-lhe com todo o pêso sobre os degraus de pedra. Tirou rapido de um punhal, e roçou com elle duas vezes sobre o braço direito de Bernardo, que o desarmou, no acto em que uma terceira punhalada lhe resvalára no peito. O engeitado sentiu-se ferido: vacillou um instante na resolução que se debatia entre o homicidio e o perdão. Venceu o primeiro. Aquelle punhal tinto de sangue innocente, pela segunda vez, derramado, entrou no coração de João Leite, e matou-o.

Isto foi obra d'alguns segundos. João Leite gritára: acudiram os criados, e encontraram Bernardo da Silva, de braços cruzados ao pé do cadaver, que vibrava nos seus derradeiros estorcimentos.

Paul  
aterrado  
vendo q  
ploma d  
ferros.

Be  
altiva,  
conscien  
linguag

For  
volveu  
causa c  
crever

Os  
liz. Um  
era um  
mente,  
esperan

Eu  
pera do  
nado, re  
lhe adm

inspirad  
no côro,  
testemun  
que a es

“Dec  
rer, depo  
lado por  
de Deus  
disse uma  
que o an

Paulo Botelho tambem acudiu. Primeiro recuou aterrado: depois gritou "matem esse homem!". E vendo que ninguem de prompto lhe acceitára o diploma de assassino, mandou-o prender carregado de ferros.

Bernardo caminhou para o carcere, com a fronte altiva, com nobreza de passo, com serenidade de consciencia, e maneiras d'um principe, segundo a linguagem popular.

## X

Foi mettido em processo. Paulo Botelho desenvolveu uma espantosa energia no andamento d'esta causa crime. Erguia-se todos os dias, soffregos de escrever uma sentença de forza.

Os depoimentos eram todos contrarios ao infeliz. Um só homem protegeu esse preso; sabia-se que era um ancião que lhe levava umas sôpas diariamente, e palavras consoladoras de esperanza sem esperanza.

Eulalia, sabendo estes acontecimentos até á vespera do dia em que o escudeiro devia ser condemnado, requereu que queria ser ouvida em juizo. Não lhe admittiram o seu depoimento. A pobre menina, inspirada da eloquencia do martyrio, entrou um dia no côro, quando a communitade orava, invocou o testemunho de Jesus Christo, e exclamou, de modo que a escutasse o povo que estava na igreja:

"Declaro que esse infeliz homem, que vai morrer, depois de martyrisado por meu pae, e apunhalado por um infame que eu desprezei, declaro diante de Deus e dos homens, que esse infeliz nunca me disse uma palavra só para que eu o amasse. Fui eu que o amei, fui eu que lhe escrevi, quando entrei



n'este mosteiro, fui eu que o fiz desgraçado, mas em recompensa hei-de amal-o toda a minha vida, e hei-de unir-me a elle na presença de Deus!

Foi grande o assombro dos que a ouviram. O ecco d'este grito sublime chegou aos ouvidos de Paulo Botelho, que estava presente; mas a sua alma fôra cerrada pela mão corrupta do ouro. O povo murmurava, e dizia que não havia de ser enforcado o escudeiro.

Pobre povo, n'aquelles dias, se tentasse tirar das mãos d'um juiz o seu instrumento inaufervel — o carrasco!

## XI

Bernardo foi condemnado á pena ultima. Ergueu-se uma forca nas proximidades do delicto, entre a casa do Juiz, e a de Francisco de Lucena.

Eulalia exaltára-se no martyrio até causar receios de demencia. Inspiravam-se de uma dôr de morte as exclamações pungentes que soltava a cada ruido que ouvia semelhante ao arranco retrahido d'um justicado. O espectaculo da forca era a sua ideia fixa, desde o momento que uma religiosa imprudente lhe annunciou o destino de Bernardo da Silva.

A infeliz na madrugada do dia da execução fugiu da cella com os cabellos em desordem, com as faces chammejantes de febre, com os olhos embriagados de delirio, e com o coração a estalar-lhe de uma dôr que a endoudecia.

Chegando á portaria não houveram forças humana que a contivessem. Os ferrolhos cederam ao impulso d'uma fraca mulher, forte da sua desesperação; e esta virgem, com habitos de noviça, e bel-

la, na s  
levant  
multid  
testem  
pés do  
Deus, a  
Vi  
ceram:  
pomba,  
via imp  
Er  
riam na  
da; mas  
mulher  
sua den  
Os  
casa de  
escadas  
fôra lav  
da Silva  
Pa  
viu aqu  
graus da  
Det  
Eul  
poucos  
loucura,  
logo no a  
das, e ap  
tomaram  
A m  
a viram  
arrastal-a  
chumbada



la, na sua agonia, como um corpo epyleptico que se levanta amortalhado do esquite, corria por entre as multidões que principiavam a agglomerar-se para testemunharem o rolar de uma cabeça de homem aos pés do carrasco, seu irmão, ambos filhos do mesmo Deus, ambos remidos pelo sangue do mesmo Christo.

Viram-na as multidões passar; muitos a conheceram: alguns pronunciaram o seu nome, mas aquella pomba, ferida de morte, era um cadaver que se movia impellido pelo choque da pilha galvanica.

Erguera-se um alarido na cidade. As turbas corriam na direcção da infeliz, a quem chamavam dou-da; mas não ousou alguém embargar o passo áquella mulher que parecia fascinar com a magestade da sua demencia.

Os que a seguiam esperaram vê-la entrar em casa de seu pae. Enganaram-se. Eulalia subiu as escadas de Paulo Botelho, e entrou no salão onde fôra lavrada a sentença de cadafalso para Bernardo da Silva.

Paulo Botelho estremeceu na cadeira, quando viu aquelle alvejar de uma larva, ajoelhada nos degraus da tribuna.

Deu-se um profundo silencio de alguns minutos.

Eulalia já não podia coordenar as ideias, que poucos dias antes clamára no côro. O sorriso da loucura, o gemido suffocante, uma lagrima embebida logo no ardor das faces, e algumas palavras entaladas, e apenas intelligiveis, eram alternativas que a tornaram mais lastimavel durante alguns minutos.

A mulher e tres filhas de Paulo Botelho, que a viram entrar, correram ao tribunal, e quizeram arrastal-a d'alli. Era impossivel. A estatua parecia chumbada sobre o seu tumulo.

A familia do juiz julgou conveniente empregar o insulto como consolação. Fallavam do justicão com uma especie de nausea, que ellas suppozeram ser o balsamo para a ferida mortal de Eulalia. Paulo Botelho, coadjuvando as razões de sua familia, cobria de improperios afrontosos o homem, que, pouco depois, havia de perdoar as injurias com a cabeça no laço da forca.

A exaltação afflictiva de Eulalia tinha tocado o ponto culminante da morte, ou da alienação irremediavel.

«Innocente! Innocente!» eram os gritos unicos, as derradeiras palavras que os labios d'aquella mulher tinham de proferir.

## XII

N'este momento entrou um homem que redobrou o espanto. Era Pedro Leite, pae de João Leite.

Este homem fez signal de querer fallar. Atenderam-no todos com religioso respeito.

As suas palavras foram estas :

«Perdão ao assassino de meu filho! O sangue d'esse homem cahirá sobre a minha face! Matou defendendo-se d'uma aggressão infame! Senhor juiz de fóra, requeiro a suspensão da execução da sentença. Eu sou parte, e declaro innocente o réo!»

Seguiram-se minutos d'uma estupefacção natural. Eulalia voltou os olhos para o homem que fallára, quiz arrastar-se de joelhos aos pés d'elle; não pôde; a impressão devia matal-a, ou resuscital-a... desmaiou a meio caminho.

O juiz era o algoz moral creado pelo ouro, as-

sim como  
Não podi  
seu camin

«E'

— N

tinhou co

é depois

d'aquelle

é quando

no banc

da de sa

«Be

ridade.

— I

invoco

Declaro

que vai

O

conscie

ciou nã

«Y

Leite -

afront

caio q

filha!»

—

improv

sobre

O

Soára

E

«

I

ondas



sim como o carrasco physico fôra creado pela lei. Não podia eximir-se a pegar do cutello, e seguir seu caminho.

«E' tarde!» respondeu elle.

— Não é tarde! — replicou Pedro Leite, e continuou com solemne exaltação: — Tarde, senhor juiz, é depois que o tribunal do mundo se fecha atraz d'aquelle que vae entrar no tribunal de Deus! Tarde, é quando um juiz de entranhas ferozes se apresenta no banco dos réos condemnados com a face borrifada de sangue innocente!

“Basta!” exclamou Paulo Botelho, com auctoridade.

— Pois sim... basta! mas, abaixo de Deus, invoco o testemunho das pessoas que me escutam. Declaro que lavo as mãos d'este sangue innocente que vai ser derramado!

O povo murmurou com acanhamento, com a conscienciosa cobardia da sua nullidade, mas balbuciou não sei que palavras que irritaram o juiz.

“Não se tracta só de punir o assassino de João Leite — exclamou o juiz — tracta-se de castigar a affronta que recebeu um nobre, feita por um laçao que ousou levantar olhos de amante para sua filha!”

— Não, não! — gritou Eulalia, erguendo-se de improviso, com as mãos postas, e cahindo outra vez sobre os joelhos.

O cynico já não tinha coragem para tanto! Soára a hora do ultimo mandato ao carcereiro.

Expirára o ultimo instante de oratorio.

“Cumpra-se a lei!”

Disse o juiz; e fez menção de retirarem-se as ondas de povo que tinham concorrido em tropel,



chamadas pelos gritos de Eulalia, e pelo perdão publico de Pedro Leite.

Eulalia foi conduzida em braços para o interior da habitação do juiz.

### XIII

A procissão onde a impudencia collocára um Christo, o Deus da caridade, nas mãos d'um padecente, que hia ser enganado!... a procissão, onde se via um homem de túnica branca, um algoz de cutello e alcofa, alguns sacerdotes d'um Deus misericordioso!... a procissão descia terrivel de repulsiva solemnidade para o açougue d'aquella réz! A tumba da misericordia fechava aquella orgia de sangue! Era um insulto a Deus: o cadaver d'um homem atirado á face do Creador! um escarneo satânico á intelligencia, e ao coração da humanidade!

O prestito parou na praça do sacrificio.

Bernardo com os olhos fitos no ceu via nascer a risonha aurora da eternidade. Sorriam-lhe os anjos, e a justiça de Deus mostrava-lhe o seu regaço. A morte do justo era um crepusculo de nova existencia a alumiar-lhe o rosto. Inspirava devoção aquelle seu sancto sorrir para o seio do ceu, que se lhe abria! Trazia nas mãos a imagem do Redemptor; mas lá em cima via elle o Espirito creador, a grande alma, onde se refugiam as almas dispersas na face d'este mundo, e perseguidas pelo demonio da ira, e da vingança, eternamente encarnado nos homens, a quem a sociedade entregou o azorrague da flagellação do virtuoso.

Bernardo caminhava a passo firme para a escada da forza. Estavam contrahidas as respirações.

Um geni  
quinze m  
apparellh  
inspiraçõ  
pelos pr  
doando!

At  
deixar  
princip  
Co  
ponto.  
En  
cencia  
gas no  
unico.  
Q  
Silva  
Q  
escada  
P  
de De  
cai-me  
inspira  
o perd  
tremec  
P  
guem  
Cl  
santo  
e  
bulo. I

Um gemido, menos suffocado, podia ser ouvido por quinze mil almas que vieram a contemplar aquelle apparatus de morte, segundo a lei, *formulada pelas inspirações do evangelho*, pelo código dos perdões! pelos preceitos do Filho de Deus que morrêra perdoadando!

## XIV

Atravez da multidão abriu-se uma clareira para deixar passar um homem, que devia representar um principal papel n'aquelle drama de sangue.

Convergiram todas as attenções para aquelle ponto.

Era Pedro Leite — ainda o pregoeiro da innocencia de Bernardo, com a face cadaverica das longas noites que chorára sobre o tumulo de seu filho unico.

Quem disse a este homem que Bernardo da Silva era um innocente?

Que força occulta o arrasta a abençoar nas escadas da força o assassino de seu filho?

Phenomenos occultos da Providencia! A voz de Deus, soando pelos labios do mysterio! Explicai-me as operações de Deus, e eu vos explicarei a inspiração sobrenatural que obriga a balbuciar o perdão os labios, que beijaram morto um filho estremecido...

Pedro Leite aproximou-se do justicado. Ninguem lhe embaraçou o passo.

Cheio de magestade, de poesia funebre, e de santo terror, fallou assim:

«Eu venho pedir o seu perdão á beira do patibulo. Fui eu que o arrastei até ao tribunal em que



foi condemnado; mas não sou eu que o arrasto aqui. Bradei em favor da sua innocencia. Pedi, ha momentos, a suspensão d'este acto, em que a minha dôr será mais... muito mais prolongada que a sua. Não me ouviram: impozeram-me silencio, e mandaram-me sahir do santuario da lei, que resfolegava sangue pela bocca do seu sacerdote.

«Venho pedir o seu perdão nas escadas da forca, e vazar o fel, que me devora a consciencia, na consciencia do juiz implacavel que pede a sua cabeça a altos gritos!»

Ouviu-se um prolongado murmuro. Era a onda popular que refervia sopeada entre as rochas da sua impotencia moral, n'aquelles dias, em que o sangue d'um plebeu continuava a operação regeneradora de Jesus Christo.

Bernardo ouviu com presença de espirito a exclamação de Pedro Leite:

«Eu lhe perdô!»

Foram as suas palavras unicas.

Choraram-se então muitas lagrimas. A dôr teve uma explosão, que as coronhas dos soldados reprimiram. As turbas queriam rasgar o quadrado para arrancarem da morte um santo. Este conflicto foi serenado por outro mais sublime. Ouviu-se uma voz. Viu se um homem que sobresahia entre as molas populares. Era o velho, protector unico de Bernardo da Silva, durante a sua prisão. Poucos o conheciam.

Foram estas as suas palavras:

«Nobre senhor Francisco de Lucena! vem vêr teu filho que morre enforcado! Nobre senhor Francisco de Lucena! vem vêr o filho da mulher que deshonoraste, como é nobre nas escadas da forca!

Nobre se  
lho, o fil  
gaminho

E o  
li estav  
ra que l  
que ali

Es  
pela m  
de Fra

Es  
receber  
sabor

pre, po  
Desde

com o  
coraçã  
sem de

não o  
Q

do esp  
doub.  
dement

dondo.  
a mão.  
«N

gumas  
E

Ia  
terrível  
Ber

forca. V



Nobre senhor Francisco de Lucena! vem ver teu filho, o filho de minha filha, que borrija os teus pergaminhos com o teu sangue illustre!»

E calou-se. Calaram-se todos. E aquelle homem lá estava erguido como o anjo dos tumulos á espera que Deus o mande quebrar a lousa d'uma mulher que ali falta n'esse transe affectivo!

Essa mulher morrera, deshonrada, suffocada pela mão da ignominia, a que a soberania fidalga de Francisco de Lucena a abandonára.

Esse homem era o pae d'essa mulher, unico que recebera em seus braços o filho da deshonra, unico sabedor d'aquella existencia, que acompanhou sempre, porque lhe assignalára um braço com uma cruz. Desde o ventre á forca, de longe, desconhecido, com o segredo da deshonra de sua filha abafado no coração, este homem seguira os vestigios do neto, sem declaral-o nunca, porque um appellido illustre não o salvava d'uma *illustre* ignominia.

Que impressão fez este homem nas turbas? A do espanto. Mas, momentos depois, chamavam-lhe DOUTO. Por ordem do juiz de fóra hia ser preso o demente. Approximou-se a justiça d'El-Rei. «E' doudo... é doudo!» dizia o meirinho ao lançar-lhe a mão.

«*Não é doudo... é MORTO...*» responderam algumas vozes.

E bem morto!...

## XV

Ia consummar-se aquelle enredo de peripecias terriveis.

Bernardo poz o pé direito na ultima prancha da forca. Voltou-se para o povo. Brilhou-lhe na face o

clarão d'um outro mundo. A sua voz era melodiosa como o cantico do anjo da morte suavissima: mas n'aquelle todo via-se a terrivel magestade do anjo do dia final. As suas ultimas palavras foram estas:

Ouvide a praga d'um padecente, rogada nas escadas da forca: "QUE A JUSTIÇA DE DEUS SE CUMPRE NA PRESENÇA DOS HOMENS!",

.....

.....

O povo voltou o rosto do aspecto hediondo d'uma cabeça injectada de sangue negro. Outros viram-lhe uma onda de luz cingindo a fronte. N'esse momento ajoelharam muitos justos pedindo ao espirito do justificado a sua protecção na presença de Deus!

#### CONCLUSÃO

Passaram quinze dias.

Eulalia de Lucena recuperára o juizo, e entrára no mosteiro. Um anno depois, professára. A sua vida foram tres annos de adoração extatica. Ouviram-na murmurar palavras celestes, como em dialogo. Dizia-se que um anjo devia de apparecer-lhe n'aquelles arroubamentos. Chamavam-lhe sancta, e adoravam-na morta.

Passados quatro annos, Francisco de Lucena, sempre afastado de sua filha pela mão do remorso, morreu de repente no mesmo local em que fôra hasteada a forca.

Simão Botelho, filho de Paulo Botelho, dera um tiro em seu pae. O pae quiz sentencial-o: deu-lhe sentença de forca, que depois lhe foi commutada em degredo perpetuo. Apenas desembarcou em Cabo Verde, abriu-se-lhe uma sepultura.

Pa  
annos  
que rec  
peculio  
uma qu  
A  
hospita  
R  
F  
rastad  
regio.  
U  
procu  
O  
marty  
A  
A  
HOMEN  
o seu  
pesso



Paulo Botelho, desembargador aposentado, dez annos depois, morria á vigesima quinta punhalada que recebera, por não dar exactas informações d'um peculio de cincoenta mil cruzados, que guardava em uma quinta nas visinhanças de Villa Real.

A mulher de Paulo Botelho morria douda no hospital de S. José um anno depois.

Restavam tres filhas de Paulo Botelho.

Foram devassas até ao escandalo de serem arrastadas a um recolhimento por expresso mandado regio.

Uma appareceu morta n'um aqueducto por onde procurára evadir-se.

Outra casou com um homem que a retalhou de martyrios.

A terceira enforcou-se no batente de uma porta.

A JUSTIÇA DE DEUS CUMPRIU-SE NA PRESENÇA DOS HOMENS.

A praga do justicado nas escadas da força teve o seu complemento no genero de morte que a ultima pessoa d'aquella familia se déra.

Forca por forca.

*Camillo Castello Branco.*

DO MESMO AUCTOR :

## Canto da Pastorinha

Ditosa condição, ditosa gente !

*Camões.*

Filha sou d'estas montanhas,  
Cá nasci, cá morrerei,  
Os meus bosques são mais lindos,  
Que os jardins do proprio rei.

Estes prados còr da esp'rança  
Só eu sei o que elles são ;  
Só eu sei dizer-lhe a elles  
O que diz meu coração.

Estas meigas ovelhinhas,  
Minha dôce companhia,  
Mais bonitas, mais formosas  
Não nas ha na freguezia.

Nem pastora mais amada  
Estas serras viram já ..  
Amada do seu rebanho,  
Que do mais não se me dá.

A minha vida é singela  
Como é meu coração ;  
De manhã mal abro os olhos,  
Faço a Deus minha oração.



Vou depois saudar meu pae,  
 Que já vejo a trabalhar,  
 Pondo eivecas no arado,  
 Ou nos campos a lavrar.

Vou levar-lhe ao campo o almoço  
 E almoço alli tambem,  
 E depois vou para casa  
 Ajudar minha mãe.

Quando o sol no céu vae alto,  
 Vou direita ao curral,  
 Com a rôca carregada,  
 Com estrigas no avental.

Mal eu abro a porta, logo  
 Ao redor tudo me vem ;  
 Cada ovelha é uma amiga  
 Como eu sei ninguem tem.

Saltam, brincam de contentes,  
 Que faz mesmo admirar !  
 E eu tambem com ellas brinco,  
 Sem receio de enfadar.

Quando eu era pequenina  
 E brincar com outras fa,  
 Muitas vezes me enfadava  
 E tambem me aborrecia.

Mas co'as minhas ovelhinhas  
 Não me sei aborrecer ;  
 Sei que são minhas amigas...  
 Quem m'as dera perceber !

Sou pastora, e n'esta vida  
 Bem desgosto sei que ha ;  
 Quem quizer de mim aprenda,  
 E desgostos não terá.

Eu não sou namoradeira,  
 Nem dou trela aos que m'a dão.  
 Sou tão livre n'este mundo,  
 Como os passarinhos são.

Quando escuto essas doçuras  
Que todos sabem dizer,  
Sempre digo: meus amigos,  
N'outra porta vão bater.

Minha mãe, quando era nova,  
Como eu, era também,  
Eu em tudo sigo o exemplo  
Que me dá tão boa mãe.

E meu pae gostando d'ella,  
Foi pedil-a a minha avó;  
Não tiveram namoricos,  
Que de magoas servem só.

Quem de mim gostar, que siga  
O caminho de meu pae,  
Donzella, que escolhe esposo,  
Sempre mal na escolha vae.

Eu não sei nada do mundo,  
Não distingo o bem do mal;  
Os mais velhos são que sabem  
Cada homem quanto val.

E por isso eu nunca soube  
O que é triste viver.  
Não me accusa a consciencia  
De ter feito alguém perder:

Não digo mal dos visinhos,  
Nem invejo o que elles tem:  
O que temos vem do ceu,  
Seja mal ou seja bem.

Peço a Deus o bem de todos,  
Para que peçam por mim!  
Tal nasci, tal viverei,  
E oxalá que morra assim.



O AGRICULTOR  
POPULAR PORTUGUEZ INSTRUIDO

POP

SEGU

3901